

JESUS E A CRIANÇA INTERIOR

O que ela tem a nos ensinar?

Escrito por:

Paulo Henrique Nogueira Lima

(Diácono da ICEU)

“E traziam-lhe também pequeninos, para que ele os tocasse; e os discípulos, vendo isso, repreendiam-nos. Mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele.” - *Mateus 18:15*

Frequentemente ouvimos pregações sobre a passagem em que Jesus nos orienta a nos assemelharmos as crianças. E em quase todas essas pregações encontramos sempre os mesmos sentidos e interpretações dados a essa fala do Mestre, que como já conhecemos bem, interpretam-na como se referindo a pureza, inocência, facilidade de amar, sinceridade entre outras características por nós já bem conhecidas. Mas a pergunta que fazemos no presente artigo é: Será que não há, na figura da criança, outros significados ocultos que ignoramos e que nos levaria ainda mais perto do que o Cristo quis nos transmitir?

Quando se trata da fala de um espírito de uma envergadura como a de Jesus, devemos rigorosamente saber de antemão que sempre haverá interpretações mais profundas, encontradas apenas através de um cuidadoso e paciente trabalho de escavação de significados. Pois como arqueólogos, invistamos agora nossos esforços para descobrir tesouros de significados soterrados dentro do símbolo da criança. Como bem sabemos, o divino Rabi dava grande preferência a linguagem metafórica, podendo assim,

dentro dos símbolos que ele ilustrava em seus diálogos, esconder infinitos sentidos e camadas de interpretações. O que nos leva então, a saber, que uma empreitada como essa, a que se propõe esse texto, não é irrelevante, tão pouco desprovida de sentido. Então quem vai querer brincar com a gente desse “faz de conta”? Coloque o então o dedo aqui que já vai fechar. E venha descobrir você também o fabuloso reino dos céus que só poderá ser visto através dos olhos da sua criança interior.

Quais são então os primeiros momentos de vida da criança a se analisar? Como o próprio espiritismo nos informa, no momento da fecundação do óvulo materno, o espírito já se une a matéria. Então os primeiros momentos de vida de uma criança não são após o seu nascimento, mas são ainda antes dele, na fase intra-uterina. Agora imagine você como não devem ter sido maravilhosos esses meses dentro da barriga de sua mãe. Ah... que vida mais relaxante e confortante a de um bebê, acolhido no conforto de um útero. Nove meses de puro leite, em um lugar quentinho, aconchegante, escuro, e as vezes se ouve até mesmo alguns sussurros, palavras de carinho da sua mãe endereçadas a você. Porque alguém ia querer sair dali? Mas acontecerá um dia, sem que ninguém pergunte a sua opinião, sem nem se quer lhe avisar de antemão, que te arrancarão de lá. Agora imagine só você como não deve ser desesperador para um bebê o momento do parto. A sensação para ele deve ser algo tão brusco, inesperado e intenso que o nascimento deve ser para o bebê uma sensação de estar morrendo. Aprendemos desde cedo que as maiores transformações da nossa

vida não serão suaves. Não esperarão nossa opinião nem sequer virão com aviso prévio.

Mas que bela metáfora nós então encontramos no nascimento de uma criança. Quantas vezes passamos por momentos de angústia e de mal-estar que vem de dentro do nosso âmago e que não tem uma causa, são apenas dores na em nossa alma. Meus irmãos, quanto não negligenciamos os valores desses momentos. Não seriam essas dores contrações de um parto que está para se iniciar dentro de nós? Não estaria para nascer, em um momento como esse algo de novo dentro de você? Talvez seja uma nova idéia que mudará profundamente o rumo da sua vida, ou talvez seja uma nova virtude, ou a solução de um problema que parecia insolúvel, ou até mesmo um novo “eu”, íntima e profundamente renovado. Nosso inconsciente deve ser visto então como um útero, gerando vida, dando à luz novas transformações em nossas vidas.

As vezes, nesse momento, o sofrimento é tão intenso que se sente como se algo dentro nós estivesse morrendo. Como bem disse Chico Buarque em sua música “Roda viva”:

“Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu. A gente estancou de repente, ou foi o mundo então que cresceu”

(Chico Buarque)

Mas se algo está nascendo porque sentimos então como se estivéssemos morrendo? Ora, e o que sente o bebê no momento do parto se não a sensação da morte? Pense por um instante, para nos renovarmos e para que nasça dentro de nós um “novo eu”, o “eu antigo” precisará morrer, certo? As maiores transformações da nossa vida são árduas. Vide o exemplo de Jesus, que pelo que se sabe nos evangelhos, começou o seu ministério de amor e bondade somente depois de ter passado os 40 dias no deserto.

Mas então me dirá você: “Eu passei por essa fase de intensa angústia algumas vezes. Mas assim que ela passou, eu não senti nada de novo. Tudo se manteve igual estava antes. O que aconteceu de errado?” Ora, nada. Assim como um bebê recém nascido não tem consciência dele mesmo, você também não terá consciência, nos primeiros momentos, a respeito do que acabou de nascer em você. Assim como o bebê, que precisará de tempo para descobrir o mundo, você também precisará de tempo para descobrir o que há de novo em você, que por mais que já exista, você ainda o desconhece.

Até aqui, vimos como o símbolo da criança, trazido por Jesus, tem muito mais a nos ensinar do que a simples idéia de pureza e inocência. Continuando então nossas reflexões, veremos como muito ainda temos a apreender com essa fase da vida.

Bom, e eis que então nasce uma criança, um ser dotado de uma consciência ainda arcaica, incapaz de se perceber como uma individualidade no mundo. Na verdade, ela não só nasce sem consciência de si mesma como imagina que ela e a sua mãe são um único ser, e não dois. O bebê sente fome sua mãe o amamenta, sente frio e logo é

aquecido, suas necessidades são tão prontamente atendidas que, na sua cabeça, sua mãe é uma parte dele mesmo e não um outro ser separado. Com o desenvolvimento das suas idéias ele se dará conta da realidade incontestável, que lhe causará o primeiro grande sentimento de desamparo: Sua mãe e ele não são um só. No mundo da criança, ter que aceitar isso é como ter que mutilar uma parte de si mesma. Esse rompimento é tão significativo na vida do indivíduo que se tornará no futuro a origem da crença em “almas gêmeas”. A eterna busca por alguém que te complete, que seja um só com você, que te olhe nos olhos e te compreenda por completo, sem você precisar dizer uma só palavra. Ora, esse desejo de recuperar uma parte que lhe falta é na verdade o desejo inconsciente de se religar a sua mãe.

Os anos vão passando e, incapaz de fugir da realidade que se apresenta a ela, a criança se vê obrigada a aceitar o fato de que ela é um ser separado de sua mãe. “Tudo bem, eu posso até não estar mais conectada a minha mãe, mas pelo menos eu sou o único ser no mundo que ela ama. Olhe como ela me trata, eu sou o ser mais amado do mundo.” Esses são os pensamentos inconscientes de uma criança, que a confortam e a fazem aceitar a dura realidade de não ser mais um ser único com sua mãe. Mas outra grande frustração está prestes a arrebatá-la mais uma vez. A criança começa a se dar conta de que, a noite, quando seus pais se deitam para dormir, eles fazem “coisas”, muito estranhas, barulhentas e que por mais que ela não compreenda exatamente o que é, ela tem uma vaga noção do que está acontecendo no quarto de seus pais. E essa ideia é o bastante para deixá-la angustiada. E mais do que isso. Perceber que tem coisas que sua mãe só faz com o seu pai injeta nela o maior medo que uma criança pode sentir e sentirá um dia: “Eu não sou o único ser que a minha mãe ama. Talvez eu não seja nem o que ela

mais ama.” Em palavras não cabem o sentimento de solidão que assola uma criança nesse momento da vida. Uma solidão concreta, sufocante e que será o primeiro grande obstáculo a ser vencido em sua caminhada individual. Não por acaso, esse, que será o pior sentimento já vivido por ela, dará origem a um dos valores mais importantes para o seu futuro. Todo amor que antes ela direcionava única e exclusivamente para a sua mãe se voltará agora para ela mesma. Se amar narcisicamente será para ela uma questão de sobrevivência (Narciso foi um personagem do mundo grego que, quando olhou para o seu reflexo, na água, pela primeira vez, se apaixonou de tal forma pelo que viu que se atirou tentando agarrar aquela imagem para si e acabou morrendo afogado). Obviamente não estamos sugerindo a ninguém aqui que se afogue na própria imagem. Estamos apenas ressaltando o fato de que, para vencer a solidão, o indivíduo deve dizer a si mesmo “Eu não preciso ser o sujeito mais amado do mundo. O meu amor por mim mesmo me basta.”

Oh queridos irmãos, o quanto não ignoramos os motivos pelos quais passamos pela solidão? Quanto valor ela não pode agregar à vida do espírito? Voltemos às palavras do Cristo, “quem não se assemelhar à uma criança não entrará no reino dos céus”. Ora, que não tiver a coragem de reviver esse sofrimento da solidão pelo qual passa uma criança não será capaz de depurar e purificar o seu espírito, conhecer o verdadeiro valor do amor e assim alcançar o reino dos céus. Pelas palavras do próprio profeta Moisés:

“Eu te lançarei no deserto para te humilhar, e te provar, para saber o que realmente existe no teu coração.”

(Deuteronômio 8:2)

Certa vez, uma sobrevivente de um campo de concentração nazista disse em rede nacional que se Deus existir Ele deverá implorar pelo seu perdão. Depoimentos como esses causam em nós os mais diversos sentimentos. Mas antes de qualquer julgamento é necessário pensar primeiro no quanto essa experiência de abandono irá fortalecer esse espírito. Imaginem a profundidade da transformação que ocorrerá com ele quando superar essa provação de sentir-se abandonado e, como a criança, despertar para o amor próprio. Quem somos nós para falarmos sobre o aprendizado alheio? E se esse espírito precisasse passar por essas aflições para conhecer o tamanho da sua força? “Se eu quero que ele fique até que eu venha, *que te importa* a ti? *Segue-me tu.*” Sentir-se abandonado é uma experiência tão valiosa na ascensão espiritual que até mesmo nosso mestre proferiu suas últimas palavras referindo-se ao peso desse sentimento: “Pai, porque me abandonaste?”. Mas deixai vir a mim as criancinhas, não as impeçais. Ou seja, deixai que a sua criança interior vá até Deus. Não impeça sua criança de se sentir abandonada, não tente calar o seu choro, mas ao contrário, levai essas lágrimas até o Pai e ele fará com que elas sejam a água da vida que lavará o teu espírito. Quem não se assemelhar a elas e assumir do fundo do seu coração, “eu me sinto sim abandonado” não entrará no reino dos céus.

No momento que o seu espírito for forte o bastante para assumir essa criança ele se dará conta de que nenhuma delas fica desprotegida. Toda criança é cuidada e amada, mesmo que ela não perceba nem entenda isso.

“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”

(Mateus 6:26)

A criança carrega em si a surpresa diante a vida, a paixão de viver, tudo é novo, ela está sempre aberta para o conhecimento. Como muito bem disse nossa poetiza pernambucana Marilene Felinto, “uma infância são ânsias.” A criança não trabalha com o campo material e concreto, ela trabalha com o campo imaginário e simbólico. Para um adulto, uma caixa de papelão é apenas mais uma caixa de papelão, para a criança não. Uma caixa de papelão pode ser uma urna perdida no Egito antigo, reencontrada depois de milhares de anos e que guarda um tesouro perdido, lendário e místico. Quem encara cada um dos seus dias como apenas mais um dia, não está

vivendo. Agora, quem, como uma criança, sabe que uma caixa não é apenas mais uma caixa, sabe também que um dia não é apenas mais um dia, mas um tempo que esconde infinitas possibilidades e que pode até guardar um tesouro perdido. Essa reencarnação não será apenas mais uma reencarnação. Cada minuto da vida não será apenas mais um minuto. Devemos deixar de dar às coisas materiais uma importância maior do que elas merecem. Devemos nos lembrar que essa reencarnação nos foi dada para simbolizar algo maior. A carne é apenas um símbolo e a vida espiritual é a verdadeira realidade. Que passemos então a enxergar a vida e o mundo, visto de uma janela, pelos olhos de nossa criança interior.